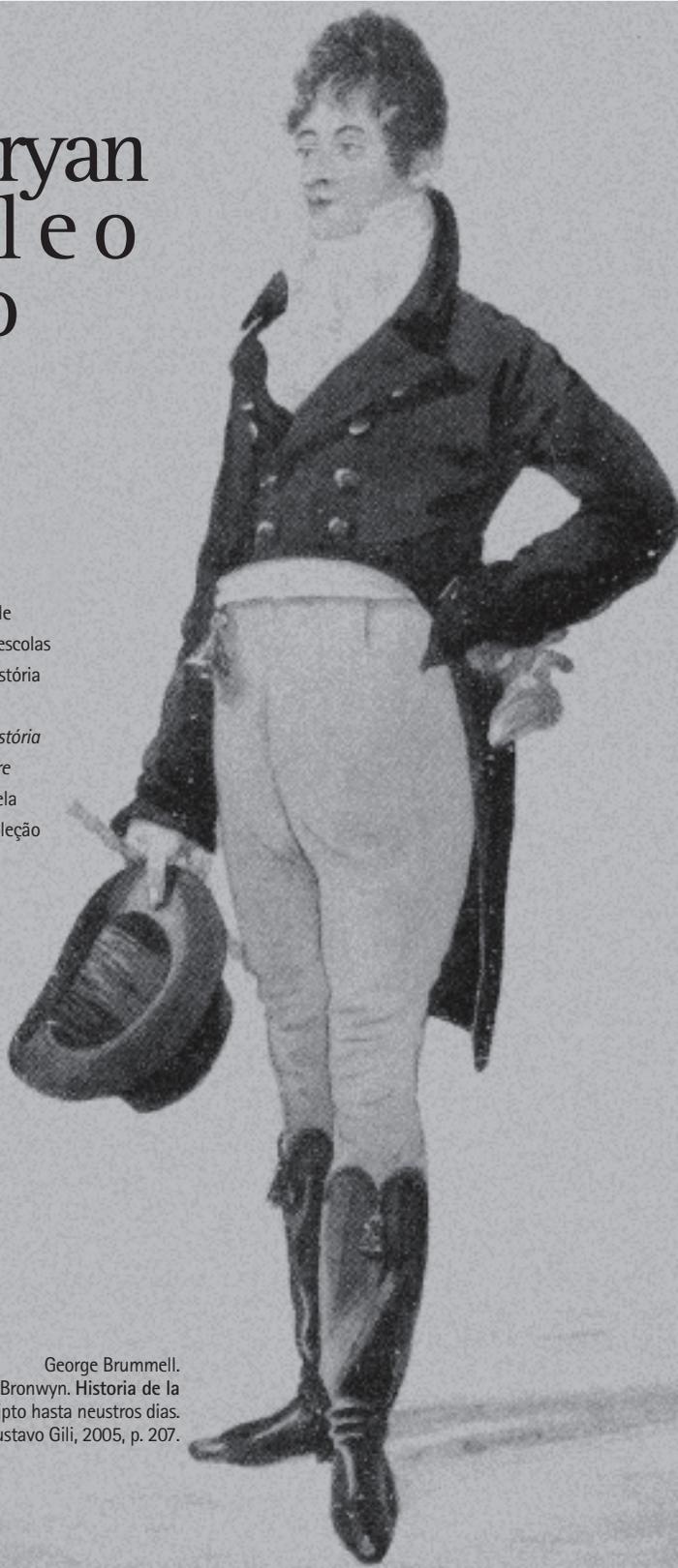


# histórias

## George Bryan Brummell e o dandismo

[ JOÃO BRAGA ]

Professor e estilista. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação de diversas escolas de moda, em São Paulo, as disciplinas História da Arte, História da Moda, Cultura de Moda e Estética. É autor dos livros *História da moda: uma narrativa* e *Reflexões sobre moda*, volumes I, II, III e IV, publicados pela Anhembi Morumbi, e coordenador da Coleção Saberes da Moda pela mesma editora.



George Brummell.

Fonte: Cosgrave, Bronwyn. *Historia de la moda. Desde Edipto hasta neustros dias*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005, p. 207.

Muito mais do que moda, trata-se especialmente de um modo, de uma maneira de ser, uma espécie de atitude baseada em certas doutrinas comportamentais e até mesmo filosóficas.

O refinamento, a sofisticação e o requinte da prática comportamental estiveram presentes especialmente nas cortes, principalmente européias. Podemos, por exemplo, buscar antecedentes nas cortes italianas durante o período do Renascimento, para ser mais específico, na corte de Urbino. Baldassare Castiglione em seu título *O cortesão* (Martins Fontes, 1997) nos relata toda uma conduta do bem comportar-se socialmente, tanto que esse livro ainda hoje serve de base para inúmeros outros de etiqueta social. Mais adiante, já no século XVII, Luís XIV (o rei Sol), na França, determina novos códigos e regras comportamentais que passaram a ser também referências ainda hoje praticadas no que tange à socialização e à boa conduta. Vale a citação de outros títulos, agora de Norbert Elias, ou seja, *O processo civilizador* (Jorge Zahar, 1994; 1995) e *A sociedade de corte* (Jorge Zahar, 2001).

Sendo assim, bases anteriores, entre outras aqui não citadas, tinham sido alicerçadas para que se fundamentassem comportamentos e atitudes sociais. Poder-se-ia mesmo dizer a respeito dos *Incroyables* (Inacreditáveis), pós-Revolução Francesa, que, como saudosistas e *bons vivants*, não queriam se adaptar aos novos tempos e se comportavam e se vestiam de uma maneira específica e diferenciada que ainda lembrava o *Ancien Régime*. Porém, é na Inglaterra do princípio do século XIX que uma nova prática para a moda e uma nova maneira de ser, resultante de um novo tempo, no início da Revolução Industrial, que se determina e se impõe um comportamento para o universo masculino.

Trata-se do dandismo; um pouco para a elegância e a moda, e muito para o comportamento, a atitude e a prática desdenhosa de ser; e que tem como ícone maior a figura de George Bryan Brummell, nascido em Londres em 7 de junho de 1778. Filho de uma doméstica e do secretário particular de Lord North, entre 1770 e 1782, que por sua vez era chanceler do rei inglês George III (1738-1820 e rei em 1760). Não sendo nem nobre nem aristocrata, Brummell vai transformar sua posição social numa verdadeira atitude de afirmação autodecretada de elegância perfeita e superior àqueles intitulados e, obviamente, se sobrepõe ao domínio das vidas mundana e fidalga da Londres em inícios oitocentistas. Eis a base do dandismo.

George teve a oportunidade de estudar em Eton a partir de 1790 e, mesmo jovem, tornou-se tão popular na escola que ganhou a alcunha de "Buck Brummell" (Janota Brummell). Posteriormente em Oxford, no Oriel College, manteve sua reputação de elegância tanto em moda quanto, principalmente, em modo. Ao voltar para Londres, ganhou posto, em 1794, de porta-estandarte no regimento do Príncipe de Gales de então (seu xará George, futuro rei inglês George IV [1762-1830, regente em 1810 e rei em 1820]), que já o havia conhecido em Eton e de quem se tornara grande amigo, ou melhor, amigo íntimo; e, em 1798, aos 20 anos, recebeu patente de capitão.

Elegante, bonito e sempre com postura altiva, ganha cada vez mais prestígio social, a ponto de se sobrepor ao Príncipe de Gales, que, por sua vez, até então, era indiferente a esses valores e premissas. Fazendo mais sucesso que seu amigo príncipe, o monarca o torna uma espécie de consultor para suas atitudes e aparências. Talvez Brummell possa ser considerado um dos primeiros *personal stylist* da História da Moda (anteriormente a ele, Rose Bertin foi conselheira para a última rainha da França, recebendo inclusive o título de "Ministra de Moda" de Sua Alteza Real Maria Antonieta, esposa do rei Luis XVI). E assim Brummell se impôs na corte e na vida mundana.

Em 1799, finalmente, Brummell recebe uma certa herança de seu pai, que havia morrido em 1794. Então com um pouco mais de reservas (com o passar do tempo, acabou perdendo tudo), Brummell foi se impondo, a ponto de se tornar um verdadeiro árbitro de moda e, principalmente, de comportamento, ao freqüentar a alta sociedade inglesa, tanto na corte quanto nos clubes sociais sofisticados da Londres de então; e não foi gratuitamente que recebeu o cognome de "O Rei da Moda".

De nascimento modesto, mas com oportunidades de arrivismo social pelos estudos, por amizades e pela certa herança, Brummell, numa espécie de atitude individualista de superioridade e arrogância, resolve se impor para dominar aqueles que por nascimento, por numerários ou por favorecimentos, eram superiores. Aí está a postura que caracteriza a verdadeira e genuína essência do dandismo. Sendo assim, ser um dândi (*dandy* em inglês) é muito mais do que só se preocupar com a aparência das roupas; é isso também, mas não é somente a moda a inquietação do verdadeiro dândi; pelo contrário, a postura é de negação aparente, intencional e consciente da própria moda, mas, ao mesmo tempo, sem deixar verdadeiramente de se preocupar com ela. Talvez hoje o vulgo assim compreenda o dandismo: um certo ar de exuberância e futilidade da aparência vestível. Repito, é muito mais do que isso. A (des)preocupação é tanta que o nó do seu *plastron* (certo tipo de lenço para o pescoço que antecede a gravata que hoje conhecemos e usamos) tem que ser acertado na primeira vez ao ser amarrado; se assim não o for, o lenço deve ser lavado e passado para que novamente possa ser utilizado pelo dândi. Brummell cada vez que não acertava o nó do seu *plastron* na primeira tentativa considerava isso "um fracasso na vida de um homem". Brummell também preconizava que um homem (entenda-se dândi) devesse tomar pelo menos três banhos diários com muda total de roupas (inclusive as de baixo), não por higiene e sim por exibicionismo, para mostrar posses ao ter uma criadagem para cuidar de sua alfaia.

Esse elegante inglês, fundador histórico do conceito do dandismo, mandava fazer as suas luvas num determinado luveiro, porém, o dedo polegar das luvas deveria ser fechado em outro luveiro, que sabia melhor executá-lo do que aquele que tinha fechado os outros quatro; assim como não admitia uma única prega em suas roupas, sendo fundamental um excelente executor para seus trajes (não foi gratuito que, com todas essas exigências, a alfaiataria inglesa teve que se aprimorar cada vez mais, até se tornar referência mundial. Ainda hoje, a grande sofisticação da moda masculina mundial é mandar fazer, sob medida, um costume ou um terno com alfaiates de Saville Row, em Londres, onde os nobres ingleses ainda o fazem). Mesmo mandando confeccionar seus trajes, Brummell não gostava de usá-los novos, pois considerava uma atitude de novo rico (e não o rico de berço, de tradição) exibir uma roupa nova. Mandava que seu mordomo, Robinson, usasse primeiro suas roupas; depois de lavadas, ele deveria usá-las e lavá-las novamente para que perdessem o viço de roupa nova; e se começassem a ficar ligeiramente rotas, aí sim era o máximo da elegância, pois pareciam uma peça de qualidade de longa data, passando idéia de prestígio de família que usa boas roupas há bom tempo e, portanto, que as recebeu de herança.

Os dândis também foram chamados de "belos" (por isso Brummell foi conhecido como "*Le Beau Brummell*" – "O Belo Brummell"), "leões" ou "inacreditáveis", mas, o nome *dandy*, corruptela de Andrew (André) – uma espécie da gíria "mauricinho" na contemporaneidade brasileira – foi mesmo o que entrou para a História para definir o estilo de vida desses homens exuberantes, indiferentes, distantes, exibicionistas em jogos de posturas e aparências. Desta maneira, no comportamento, caracterizam-se pelo intencional ar de despreocupação, negligência, discricção, rigor, individualismo, desprezo, afetação, indiferença, exuberância, perfeccionismo e resolução fria de não se emocionar, altamente codificados em postura sempre calma, mas que revela força; e, na moda, em tecidos refinados, bons talhos e poucas cores (usam especialmente preto, branco e azul-noite).

Brummell fez escola e influenciou o seu próprio tempo. Lord Byron foi seu contemporâneo, entre outros, e, posteriormente, o comportamento e o visual dândi foram adotados por Oscar Wilde e, até mesmo, pelo brasileiro Santos Dumont, que ajudaram a criar e difundir a reputação da esfera dândi em atitudes e elegâncias vestimentares.

O estilo dândi, que também poderíamos entender como uma espécie de preconização da moda do Romantismo à maneira masculina, serviu de referência para a literatura romântica e pós-romântica, especialmente francesa, no decorrer do século XIX. Balzac, Baudelaire, Barbey d'Aureville, entre outros, escreveram sobre os dândis e ajudaram a divulgar tal postura comportamental e de moda. Paul Valéry, escritor francês entre o século XIX e o XX chegou a dizer que "elegância é a arte de não se fazer notar ao cuidado sutil de se deixar distinguir". Portanto, trata-se de um poder absoluto de influência social, uma espécie de herói daqueles tempos e da vida cotidiana que se preocupa em viver e se confundir com o culto à pura beleza idealizada, muitas vezes trágica ou até mesmo metafísica; que, voluntária ou involuntariamente em certos aspectos, podem também ser considerados estóicos ou até espiritualistas. Talvez mesmo uma espécie de compromisso como se fosse responsabilidade de nascença, independente da classe social do responsável a esta difusão, sem jamais ser vulgar, pelo contrário, com muita distinção.

Aí está a espetacular e rigorosa sinfonia de um homem que transformou a história comportamental e a da moda masculina. Ajudou a difundir a cartola (símbolo do poder financeiro, tem sua forma associada às chaminés das fábricas durante o processo inglês de industrialização); revolucionou a moda masculina ao usar uma calça comprida de corte tradicional que seus alfaiates chamaram de "calça chaminé" (as calças masculinas atuais ainda são semelhantes a essa); lustrava suas botas com uma mistura de champanhe e mel e, com outras atitudes, encantou a todos, homens e mulheres de seu tempo, e deixou para a História um tipo de conduta que ainda hoje é praticada, porém adaptada ao *zeitgeist* contemporâneo; mas a essência permanece.

Em maio de 1816, fugindo de seus credores, atravessou o Canal da Mancha e mudou-se para Calais (norte da França), onde viveu 14 anos, ainda como devedor. Posteriormente transferiu-se para Caen (também França) e chegou a ser nomeado cônsul inglês nesta cidade, de 1830 a 1832. Em 1835, foi até mesmo aprisionado por causa de seus débitos, mas foi salvo por amigos, dos quais recebia um pequeno salário. Perdeu totalmente o interesse e a preocupação com a aparência, chegando a ficar com aspecto desalinhado e sujo. Em 1837 sofreu dois ataques de paralisia e acabou passando seus últimos anos num asilo em Caen, onde morreu em 30 de março de 1840.

